

ESTE NÃO É
O SEU LAR

NATASHA
BROWN



TORBSILHAS

“A prosa requintada, a estrutura ousada e a elegância de Natasha Brown são totalmente cativantes. Ela é uma nova escritora extraordinária.” **BERNARDINE EVARISTO**

ESTE NÃO É O SEU LAR

Natasha Brown

Tradução

Fernanda Cosenza

TORDSILHAS

Copyright © 2021 Tordesilhas
Copyright © 2021 Natasha Brown
Título original: *Assembly*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora. O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1ª de janeiro de 2009.

CAPA Amanda Cestaro
PROJETO GRÁFICO Cesar Godoy
REVISÃO Franciane Batagin | Estúdio FBatagin e Luisa Tieppo
PREPARAÇÃO Cintia Oliveira
1ª edição, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brown, Natasha

Este não é o seu lar / Natasha Brown; tradução Fernanda Cosenza. – 1. ed. –
São Paulo : Tordesilhas Livros, 2021.

Título original: *Assembly*
ISBN 978-65-5568-023-2

1. Ficção inglesa I. Título.

21-64749

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.
Avenida Paulista, 1337, conjunto 11
01311-200 – São Paulo – SP
www.tordesilhaslivros.com.br
blog.tordesilhaslivros.com.br

*Mas isso também é absurdo,
é correr atrás do vento.*

Tudo bem

Você tem que parar com isso, ela disse.

Parar com o quê, ele falou, nós não estamos fazendo nada. Ela queria corrigi-lo. Não havia nenhum “nós”. Havia ele o sujeito e ela o objeto, mas ele disse apenas olha, não faz sentido se alterar por nada.

*

Ela costumava ficar sentada na última cabine do banheiro feminino, olhando para a porta. Às vezes passava todo o intervalo do almoço ali, na esperança de cagar ou chorar ou reunir ânimo suficiente para voltar à mesa de trabalho.

De sua sala, ele podia vê-la trabalhando e, com frequência, ligava para o ramal dela para comentar o que via (e o que achava disso): o cabelo (selvagem), a pele (exótica), a blusa (mal comportando aqueles seios).

Pelo telefone, ele a instruía a fazer pequenas coisinhas. Isso era mais humilhante do que as coisas maiores que acabaram vindo em sequência. Mesmo assim, ela segurava o grampeador no alto como indicado. Bebia o copo de água inteiro num gole só. Cuspia o chiclete na palma da mão.

*

Ela tinha ido almoçar com os colegas. Eram seis homens, de diferentes idades, tamanhos e temperamentos. Pediram quatro porções de *nigiri* de carne e, durante a refeição, aludiram aqui e ali à situação dela, com insinuações vagas e observações acusatórias.

Um dos mais velhos, gordo e com uma barba grisalha em volta dos lábios finos e rosados, pousou o garfo para falar com franqueza. Começou devagar: sabe que ela não é

do tipo que se aproveitaria. Ele sabe disso, sabe mesmo. Nesse ponto, fez uma pausa para dar um efeito e saborear a euforia de dizer à garota como as coisas funcionavam. Mas... mas agora, ela havia de convir que tinha uma vantagem sobre ele e os outros ali na mesa. Ela podia admitir isso, não podia?

Ele deu um sorriso largo, abriu bem os braços e se inclinou para trás. Os outros cinco ficaram olhando para ela, alguns assentiram com a cabeça. Ele voltou a pegar o garfo e enfiou mais carne crua na boca.

*

A sala dele era formada por três paredes de vidro. As fileiras de mesas se estendiam à direita e à esquerda, uma visão de camarote. Ela ocupava o centro do palco. Ele estava falando com ela, um tanto agitado.

Esperava que ela demonstrasse um pouco de maturidade, ele dizia, um pouco de gratidão. Levantou-se da cadeira vindo na direção dela, resvalando nela, embora a sala fosse grande e ele tivesse espaço de sobra. Ela tinha que

pensar no cenário mais amplo e no próprio futuro e no que a palavra dele significava ali. Ele disse isso enquanto abria a porta da sala.

*

Não era nada. Ela pensava agora, como fazia todas as manhãs. Abotoou a camisa pensando nisso, depois colocou os pequenos brinco nas orelhas. Pensou nisso ao puxar o cabelo para trás em um coque firme, deixando o rosto à mostra, ao alisar a saia lápis cinza, de tecido encorpado.

Pensou nisso ao comer, mesmo tendo esquecido como era sentir gosto ou engolir. Tentou mastigar. Não era nada. Ela bradou esganiçada que estava tudo bem, depois se acalmou, olhou ao redor da sala de estar. Perguntou à mãe como havia sido o dia dela.

*

Um jantar depois do trabalho, ela tinha concordado. Em frente ao restaurante, antes de entrarem, ele a agarrou pelos ombros e pressionou a boca aberta contra o rosto dela.

Ela observou as pálpebras dele estremecerem e se fecharem enquanto a língua lenta empurrava e impelia a sua. Visualizou o próprio corpo, com os membros encolhidos, guardado em uma caixa. Ele deu um passo para trás, sorriu, deu uma risadinha, olhou para baixo, para ela. Tocou o braço, depois os dedos dela, e então o rosto. Está tudo bem, ele disse. Está tudo bem, está tudo bem.

A mesma coisa

Não, mas antes disso. Tipo os seus pais, de onde eles são. Da África, né?

O negócio é o seguinte. Eu estou aqui há cinco anos. Minha esposa há sete, oito. Nós trabalhamos, pagamos os nossos impostos. Torcemos pra Inglaterra na Copa do Mundo! Então quando o governo disse pra gente se registrar, pra gente baixar esse aplicativo e pagar pra se registrar, doeu. Aqui é a nossa casa. Isso fez a gente se sentir indesejável. É como se eles dissessem pra você: volta pra África. Imagina se eles dissessem pra você: não, não, você não é inglesa de verdade, volta pra África. É a mesma coisa.

Quer dizer, é... bom, você sabe. Claro que você sabe, você entende. Você consegue entender de um jeito que os ingleses não conseguem.

Depois do digestivo ele se anima

Ela entendia a raiva de um homem que sentia na própria pele, nos ossos, no corpo e no sangue que estava destinado a andar sobre os ombros de um gigante forte e pesado, para quem o Sol jamais se punha. Porque agora era noite, e ele estava bêbado. Ele parecia muito pequeno, talvez só uma boca. Um lábio ou um dente ou uma papila áspera e inflamada em uma língua branca e seca, pegajosa de muco no fundo, perto da garganta. A garganta de um homem com uma barriga molenga e um cabelo ralo cortado bem curto. Então, quando a boca se abriu e cuspiu aquelas palavras ácidas nela, deixando algumas pessoas na mesa um pouco desconfortáveis, ela entendeu de onde vinha a raiva, embora ela fosse o alvo. Esperou até que o celular vibrando lhe desse uma desculpa para se retirar e, enquanto isso, de maneira calma e educada, ela o compreendeu.



[/Tordesilhas](#)

[/TordesilhasLivros](#)

[/eTordesilhas](#)

[/TordesilhasLivros](#)

Este livro foi composto com a família tipográfica
Le Monde Courier. Impresso para a Tordesilhas Livros em 2021.

Seja civilizada em um ambiente hostil. Vá para a faculdade, estude, comece uma carreira. Faça tudo certo. Compre um apartamento. Compre obras de arte. Compre um tipo específico de felicidade. Mas, acima de tudo, mantenha a cabeça baixa. Fique quieta. E continue.

A narradora de *Este não é o seu lar* é uma mulher negra britânica não nomeada que trabalha no mercado financeiro. Ao mesmo tempo que se prepara para participar de uma festa luxuosa na propriedade da família de seu namorado, situada no interior da Inglaterra, ela considera as peças cuidadosamente montadas de si mesma. Conforme os minutos passam e o futuro se apresenta, não é mais possível ignorar uma incômoda pergunta: será hora de desistir de tudo?

Este não é o seu lar é uma história sobre outras histórias – aquelas de raça e classe, segurança e liberdade, vencedores e perdedores. E é sobre uma mulher que ousa assumir o controle de sua própria narrativa, mesmo que custe sua vida.

TORDESILHAS

978 65 5568 023 2

